O Regional do Movimento Regionalista de 1926 em Recife-Pernambuco

The Regional Concept of The Regionalist Moviment in 1926 at Recife-Pernambuco

El aspecto Regional en el Movimento Regionalista de 1926 en Recife-Pernambuco

Marina Loureiro Medeiros[1]
Rodrigo Dutra Gomes[2]

Resumo

MEDEIROS, M. L.; GOMES, R. D. O Regional do Movimento Regionalista de 1926 em Recife-Pernambuco. ***Rev. C&Trópico***, v. 48, n.2, p. 239-272, 2024. Doi: https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2(2024)2337

O trabalho em questão busca entender como os aspectos de identidade, histórico, geográfico e social do conceito Regional, introduzido por Freyre, em 1926, dominaram grande parte dos escritos intelectuais nordestinos durante os anos 1930 até quase os anos 1950. Para isto, aprofundou-se nas origens e características do grupo regionalista do Nordeste, que culminaram na semana regionalista de 1926 e desdobraram nos debates pelos grupos modernistas brasileiros, influenciando posteriormente a esfera acadêmica, artística e arquitetônica na região. Dessa forma, com o suporte do método de análise contextual de Berdoulay (2010), associados às documentações de acervos documentais e iconográfico da Fundaj, IEB e da Hemeroteca Nacional, o presente artigo sintetiza a profundidade dessa influência Regional resgatando a sua contribuição presente em nossas vivências histórico e espacial atual.

Palavras-chave: O Regional. Movimento Regionalista de 1926. Desdobramentos Acadêmicos.

Abstract

MEDEIROS, M. L.; GOMES, R. D. The Regional Concept of The Regionalist Moviment in 1926 at Recife-Pernambuco .***Rev. C&Trópico***,v.48, n.2,p.239-272, 2024.Doi: https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2(2024)2337

The work in question seeks to understand how the identity, historical, geographic and social aspect of the Regional concept, introduced by Freyre in 1926, dominated a large part of northeastern intellectual writings during the 1930s and until almost

[1] Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: marinalou93@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6071-3035

[2] Doutor (2010) em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. PhD desenvolvendo pesquisa sobre a construção da relação entre Geografia e Teoria da Complexidade na FAPESP. E-mail: rdutragomes@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6452-3933

the 1950s. It is based on the origins and characteristics of the regionalist group in the northeast, which culminated in the regionalist week of 1926, and unfolded in debates by Brazilian modernist groups, and later in numerous academic, artistic and architectural influences in the region. Thus, with the support of Berdouley's (2010) contextual analysis method, associated with the documentation of documentary and icnographic collections from both Fundaj and the national newspaper library, this article summarizes the depth of this Regional influence, rescuing its present contribution to our experiences. current historical and spatial.
Keywords: The Regional. Regionalist Movement in 1926. Academic Developments.

Resumen

MEDEIROS, M. L.; GOMES, R. D. El aspecto Regional en el Movimento Regionalista de 1926 en Recife-Pernambuco. ***Rev. C&Trópico***,v.48,n.2,p.239-272, 2024. Doi: https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2(2024)2337

El trabajo en cuestión busca comprender cómo el aspecto identitario, histórico, geográfico y social del concepto Regional, introducido por Freyre en 1926, dominó gran parte de los escritos intelectuales nordestinos durante los años 1930 y hasta casi los años 1950. orígenes y características del grupo regionalista del nordeste, que culminó en la semana regionalista de 1926, y se desarrolló en debates de grupos modernistas brasileños, y posteriormente en numerosas influencias académicas, artísticas y arquitectónicas en la región. Así, con el apoyo del método de análisis contextual de Berdouley (2010), asociado a la documentación de fondos documentales e iconográficos tanto de Fundaj como de la hemeroteca nacional, este artículo resume la profundidad de esta influencia Regional, rescatando su aporte actual a nuestras experiencias. histórico y espacial actual.
Palabras clave: El Regional. Movimiento Regionalista de 1926. Desarrollos Académicos.

Data de submissão: 15/08/2024
Data de aceite: 20/08/2024

1. Introdução

As décadas de 1920 e 1930 foram um período de grandes transformações políticas, socioeconômicas, artísticas e também espaciais no Brasil e em Pernambuco. A Industrialização trouxe ares “modernos” para o país, até então baseado na economia rural, e, junto a ela, as ideias modernistas da Europa com a literatura, a poesia e as esculturas, em especialmente após a Semana de Arte Moderna, ocorrida no ano de 1922, no Teatro Municipal em São Paulo.

A semana de 22 tinha como mote espalhar as ideias modernas trazidas dos movimentos modernistas europeus (impressionismo, fauvismo, cubismo, futurismo). No entanto, não se viu uma expansão imediata dessas ideias nos estados que compõem a região Norte e Nordeste. Isso se deveu, em grande parte, à formação do Grupo Regionalista do Nordeste, no Recife, Pernambuco, com reuniões para discutir os valores regionais locais e a importância da afirmação identitária do Nordeste enquanto região. Constituiu-se uma resposta intelectual, política e regional das "novas tendências" do sudeste, frente a tradição histórica do Nordeste, bem como a reivindicação da importância política e econômica do Nordeste, de base oligárquica e agrícola-latifundiária, em relação ao Sudeste, com a então nova elite industrial, seus costumes e suas visões.

Essas reuniões culminaram na Semana Regionalista do Recife, em fevereiro de 1926, e tinham como principal representante o jovem intelectual nordestino Gilberto Freyre. O estudo em questão objetiva, de maneira geral, entender o que foi essa leitura intelectual de região Nordeste realizada pelos autores do Movimento Regionalista de 1926, em especial seu principal mentor, Gilberto Freyre, evidenciando os diálogos e embates existentes entre esse movimento e os outros movimentos modernos locais e nacionais do país. Por fim, em termo de objetivos especificos, pretende-se entender como os desdobramentos desse regionalismo do Nordeste se estendeu nas artes em geral, e na vivência dos nordestinos, na espacialidade recifense nos anos de 1930 e 1940.

Destaca-se ainda o uso dos pressupostos 4 e 5 do método contextual (Berdolay, 2010), associados à pesquisa bibliográfica, iconográfica e documental. Estes pressupostos de analise buscam evidenciar os seguintes

aspectos da pesquisa; pressuposto 5 do método contextual, mostrar a importância dos ciclos de afinidade de Freyre para fundamentação de uma ideia em momento histórico, no caso, a relação estabelecida entre os movimentos modernistas local e nacional com o movimento nacional, e o pressuposto 4, de não negligenciar as questões que preocupam a sociedade na época, destacados pela questão de moda, propaganda evidenciada nos acervos documentais apresentados.

2. O Movimento Regionalista 1926: origens, tradições e desdobramentos

Com uma nova visão antropológica do seu próprio país, Freyre volta aos 23 anos para o Recife. Sobre sua volta, o próprio Freyre mais tarde relembra-rá:

> Vi Gilberto Freyre por este tempo voltando à terra, querendo casar-se com a terra. Era ele então amigo do arcebispo de Olinda, do Pai Adão, do Velho Dudu, sócio do Clube das Pás. O nativo aceitava a sua Pátria, mas o seu amor não era de cego, de alucinado. Era o amor de quem examinava, de quem descobria os defeitos, e se indignava contra os que, pretendendo melhorar, destruíam ou aleijavam o que ainda havia de realmente grande em Pernambuco e no Brasil (Freyre, 1996 p. 26).

Sobre os aspectos geográficos que pairavam sobre o Recife destacavam-se o afrancesamento urbano que entre 1913-1916, por influência do Barão de Hausmann, vê seu centro histórico todo remodelado. Na ocasião, houve a demolição da Igreja do Corpo Santo, o Arco do Bom Jesus (remanescente do período holandês) e a Igreja de São Pedro, transformando a Ilha do Recife em um centro com grandes avenidas interligadas. Foi o período de criação do que hoje se vê do Marco Zero da cidade, que para Freyre nada contribuía para o ensolarado e irrigado Recife. Era crítico de um

maior "maquiamento" francês da cidade, como feito no Rio de Janeiro de 1904 por Pereira Passos (Dimas, 2004).

É nesse Recife do início do século XX que Freyre irá se defrontar na volta da Europa, em que a moda francesa inaugura o primeiro desfile de Modas em 1916, sendo o período em que se faz também a primeira liga de futebol pernambucana em 1915, junto com o novo esgotamento sanitário de Saturnino de Brito. Somado a isso, as ruas menos estreitas dão lugar a bondes, carros, cafés, docerias, restaurantes, cinemas (Figura 1) e peças de Teatro das companhias Valesco e Lea Candini. Estes acontecimentos e obras eram intensificadas em meados dos anos 20 pelas propagandas publicitárias e anúncios reformistas do governo de Sérgio Loreto (Rezende, 2016). Para Oliveira (1985), era o período que a elite chamou de *belle époque recifense*, no qual as orquestras de jazz invadiam os teatros e as novidades se faziam presentes nas revistas, onde "o progresso era intenso, e o dinheiro tratado como fácil" (Oliveira, 1985).

Figura 1: Cinema Pathé, inaugurado em 1909, na Rua Nova



Fonte: Autor desconhecio[3]

O contexto econômico local e do Nordeste também afligia Freyre, pois a queda financeira considerável do açúcar, seu principal motor de desenvolvimento econômico, fazia com que o poder estatal /econômico se

[3] http://cidadedosmelindres.blogspot.com/2012/10/cinemas-recifenses-nos-anos-1920.html. Acesso em: 30 de outubro de 2018

voltasse quase que inteiramente para o Sudeste. Somado a esse fator, Santos (2011) adiciona:

> O engenho de açúcar tornava-se cada vez mais obsoleto, como forma de produção, diante das usinas industrializadas. Estas trazem consigo não apenas incrementos de ordem técnica, mas também uma nova forma de racionalização do trabalho e das relações sociais entre proprietários e trabalhadores. Substituem a dominação patriarcal pela exploração capitalista. O habitus de dominação do senhor de engenho é trocado, gradualmente, pelo do burguês (Santos, 2011, p. 36).

Outro ponto, que chamava a atenção de Freyre era os estudiosos indsanitários do período como Amaury Medeiros. Na cidade, a situação sanitária em áreas de mocambos e nos cortiços do centro do Recife eram péssimas e as consequências disso era o aumento nos casos de tuberculose. Houve a necessidade de reformas sanitárias urgentes que foram feitas ao longo dos governos de Estácio Coimbra junto ao trabalho de Amaury Medeiros (1926), o que diminuiu o número de morto entre 1920 e 1924. Este é tratado como um dos importantes atos de modernização estrutural para o Recife da época (Rezende, 2011).

Devido a essas questões e à necessidade de desatrelar o nome do Nordeste do imagético dos flagelos de *grandes secas* (de 1887 e 1889)[4] e dos messiânicos retratados por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1910), surge a necessidade de exaltar o Nordeste sociocultural, as raízes das crenças, comidas e paisagens. Com essa necessidade nasce em 1924 o Centro Regionalista Pernambucano, sediado na casa do intelectual Odilon

[4] O termo "Nordeste" aparece pela primeira vez com acepção espacial específica numa referência feita pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, como tentativa de solucionar os problemas das secas recorrentes no final do século XIX e início do século XX (Albuquerque Jr, 2011).

Nestor, onde um grupo de intelectuais como o psiquiatra Ulysses Pernambucano, o higienista e sanitarista Amaury Medeiros, o humanista Aníbal Fernandes, o folclorista Júlio Belo e o jornalista Mario Sette, se reuniam junto com Gilberto Freyre às terças-feiras para uma série de debates de temas locais (Andrade, 2007).

O Centro propôs, sobretudo, celebrar a permanência das tradições singulares do Nordeste, através da promoção de rodas de diálogo que tinham como tema, desde a exaltação do ecletismo religioso e da peculiaridade gastronômica até a preservação da paisagem. Ao fazer a conexão com a modernidade da época o Centro Regionalista ganhou força com a adesão de intelectuais de outros estados do Nordeste, agregando assim os paraibanos Jose Lins do Rego e José Américo de Almeida, amigo de Freyre, e o alagoano Otavio Brandão (Freyre, 1996).

Os entusiastas das ideias regionalista e tradicionalista eram atraídos pelos artigos publicados na Revista do Norte (1923-1927) e na Revista Raça (1927-1930) que contavam com ensaístas presentes do movimento Regionalista como Samuel Campelo, Aníbal Fernandes e com jovens poetas como Joaquim Cardozo e Manuel Bandeira, este último ilustrava as capas das revistas, essas porta-vozes das ideias do Centro para o Nordeste (Nascimento,1969). Além das duas revistas, as crônicas escritas por Freyre entre 1925-1926, com temas como Vitória do coreto (1925), A cerca dos Jardins (1925), Einstein Regionalista (1925), A propósito do Regionalismo no Brasil (1926), O Nordeste Separatista (1926) e Tempo de Aprendiz (2010), onde foram reunidas crônicas publicadas por Freyre no Diário de Pernambuco (1825), que aprofundavam temas e questionamentos trazidos pelo centro Regionalista.

Os veículos citados bem como as divulgações das discussões do centro regionalista e os convites às palestras dentro de periódicos como Jornal do Recife (1858-1938) (Figura 2) e A Província (1920-1933) (Figura 3) foram de sua importância para posteriormente o regionalismo discutido no Centro se espalhar para outra área do país atrás de Manuel Bandeira, o pintor Cícero Dias, para ganhar força para se tornar um Movimento em 1926.

Figura 2: Divulgação da Semana das Árvores pelo Jornal do Recife - novembro 1924



A "SEMANA DAS ARVORES"

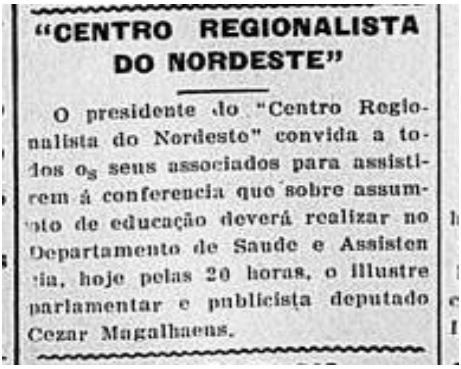
Recebemos:

O dr. Odilon Nestor, presidente do Centro Regionalista do Nordeste, convida por nosso intermedio as instituições de ensino, a mocidade academica, as exmas. familias e ao publico em geral, a se associarem ás festas que constituirão a "Semana das arvores" no Recife, que foi adiada de 2 a 9 de Novembro para 6 a 13 do mesmo mez.

O dr. Odilon Nestor antecipadamente agradece a todos que prestarem ao movimento seu concurso

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929). *Jornal do Recif*e (1859-1938).

Figura 3: Convocação da Reunião no Centro Regionalista – A Provincia - maio 1925



"CENTRO REGIONALISTA DO NORDESTE"

O presidente do "Centro Regionalista do Nordeste" convida a todos os seus associados para assistirem á conferencia que sobre assumpto de educação deverá realizar no Departamento de Saude e Assistencia, hoje pelas 20 horas, o illustre parlamentar e publicista deputado Cezar Magalhaens.

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929) - Jornal A Província (1920-1933).

Nesse contexto, Gilberto Freyre publica O *Livro do Nordeste* (1925), livro comemorativo ao centenário do *Diario de Pernambuco*. O livro contém os artigos dos presentes do Centro Regionalista que versavam sobre Agricultura, Folclorismo, Poesia, Sanitarismo e outros problemas de cunho regional, com ilustrações de Manuel Bandeira sobre os monumentos históricos de Recife e Olinda. Um ano após a publicação do Livro, o anseio de um evento que reunisse as vozes nordestinas regionalistas se concretizou.

No ano de 1926, foi realizado de 7 a 11 de fevereiro no Teatro Santa Isabel, no Recife, o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Este foi amplamente divulgado junto aos jornais locais como *Jornal Pequeno* (1899-1955), *A Província* (1920-1933), *Diario de Pernambuco* (1825) que noticiaram todos os dias como uma reportagem, além dos jornais do eixo Rio–São Paulo como bem como *O Correio Paulistano* (1857-2007) (Figura 4) e o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (1825-2016) (Figura 5) que divulgaram o evento como uma forma de convite aos intelectuais nacionais, demonstrando mais uma vez, a importância da divulgação cultural a época do meio impresso do jornal, fonte essencial para formação intelectual e identitária do Brasil como um todo (Rezende, 2016).

Figura 4: Convocação de Um Congresso Regionalista – Correio Paulistano ovembro de 1925



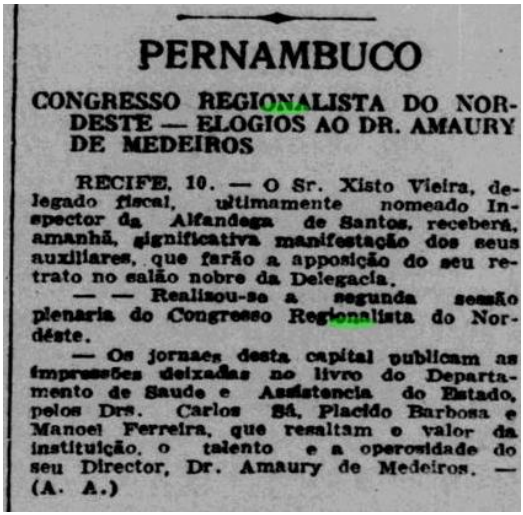
PERNAMBUCO

Convocação de um Congresso Regionalista

RECIFE, 16 (A) — Reuniu-se o Centro Nacionalista do Nordeste, resolvendo convocar para setembro proximo um congresso regionalista, que terá por fim a unificação intellectual e economica do nordeste brasileiro.

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929).

Figura 5: Congresso Regionalista do Nordeste -Elogios de Dr. Amury de Medeiros no Jornal do Commercio (RJ) em 1926



PERNAMBUCO

CONGRESSO REGIONALISTA DO NORDESTE — ELOGIOS AO DR. AMAURY DE MEDEIROS

RECIFE, 10. — O Sr. Xisto Vieira, delegado fiscal, ultimamente nomeado Inspector da Alfandega de Santos, receberá, amanhã, significativa manifestação dos seus auxiliares, que farão a apposição do seu retrato no salão nobre da Delegacia.

— — Realisou-se a segunda sessão plenaria do Congresso Regionalista do Nordéste.

— Os jornaes desta capital publicam as impressões deixadas no livro do Departamento de Saude e Assistencia do Estado, pelos Drs. Carlos Sá, Placido Barbosa e Manoel Ferreira, que resaltam o valor da instituição, o talento e a operosidade do seu Director, Dr. Amaury de Medeiros. — (A. A.)

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929).

O principal representante mestre de cerimônias foi o próprio Gilberto Freyre, que já trouxe no livro, divulgado no evento, as pertinências discutidas no Centro Regionalista, conferindo um caráter, além de sociocultural, também político ao encontro (Albuquerque Jr, 2011). No evento, além das palestras dos membros do Centro Regionalista, com as temáticas que versavam sobre as problemáticas sanitaristas, moradia, fauna e flora, folclore e culinária etc. O evento foi musicado com saraus de repentistas como Ascenso Ferreira, danças de Cocos de Roda e Caboclinhos, além de um banquete com tapioca, cocada, almoços com peixadas, galinha ou cozido, em que nos intervalos eram distribuídos ao final das palestras, doces de banana ou de caju, símbolo do Centro Regionalista e do Movimento.

Nesse Congresso, foram explorados conteúdos geográficos diversos que iam dos aspectos fitográficos locais à questão da morfologia urbana, os

quais foram expostos e subdivididos nas plenárias de fala geral, como ressaltou Fernando de Mello Freyre, ao relatar o programa geral do Congresso:

> [...] estava assim definido: I - Problemas Econômicos e Sociais - 1º - Unificação econômica do Nordeste: ação dos poderes públicos e dos particulares; 2º - Defesa da população rural: habitação, instrução, economia doméstica; 3º - O problema rodoviário do Nordeste: aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região; 4º - O problema florestal: legislação e meios educativos; 5º Tradições da cozinha nordestina: aspectos econômicos, higiênicos e estéticos. II - Vida Artística e Intelectual - 1º - Verificação da vida cultural nordestina: organização universitária, ensino artístico, meios de colaboração intelectual e artística, escola primária e secundária; 2º - Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste: urbanização das capitais, planos para pequenas cidades do interior, vilas proletárias, parques e jardins nordestinos; 3º - Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos; 4º - Reconstituição de festas e jogos tradicionais (Freyre, 1977).

O lócus urbano no Recife de tal movimento não é estranho. A cidade constitui-se como um lugar de utopia e fabricação, a partir dos símbolos da modernidade contemporânea da Europa e do Brasil do século XX. Para Rama (1985), esse utópico vai para além do novo, sendo resultante das interpenetrações dos tempos realizadas nas diversas construções criadas por cada homem em seu espaço. No Recife, essa modernidade foi impelida em parte muito mais do que as forças das tradições, e o foi pelas dificuldades sociais e econômicas que cobriam não somente a capital, mas também a região Nordeste como um todo. Essas dificuldades socioeconômicas acentuaram ao longo do tempo a visão negativa do apego cultural e das práticas antigas da cidade do Recife e do Nordeste como algo ruim. Essa negatividade era associada ao tradicionalismo, versão pejorativa do termo tradição, advindo da época iluminista de desmerecer os hábitos antigos tidos como antiquados e associados ao medievo (Gademar, 2007).

Essa visão é criticada por Freyre, tratando-a como equivocada, considerando o termo *Tradição* como um conjunto de valores preservados por uma sociedade para manutenção de suas características; e essas garantem a consciência história de uma cultura (Araújo, 2008).

A esses valores preservados deu a essa visão de *locus* da unidade cultural e econômica com suas singularidades tratadas como singulares, ou seja, não "adiantas ou atrasadas" em relação às outras regiões, mas com uma construção própria devendo ser entendida em seu próprio âmbito de tradições e desenvolvimento. Dessa ideia, desdobrou-se a ideia de Região Nordeste apresentada dos Romances de 1930, como algo singular culturalmente, principalmente de Raquel de Queiroz e Jose Lins do Rego (esses, conviventes no ciclo de afinidades de Freyre). Dessa influência regionalista de Freyre deriva também as praça e parques com objetos regionais construídos em Recife, providenciadas já na sua época pelo assessor Estácio Coimbra até os anos 1930. Posteriormente a esse momento, Gilberto se dedica à obra Casa Grande e Senzala (1933) e suas trilogias posteriores, Sobrados e Mucambos (1935), e Açúcar (1939). As reuniões do Centro Regionalista diminuem de frequência, se dedicando mais a temas de sociologia, antropologia do Brasil e suas aulas e palestras no exterior.

3. Diálogos e Tensões com Modernismo Brasileiro do Início do XX

Quando o Centro Regionalista do Recife tinha se formado em 1923, a então primavera modernista já havia chegado no Brasil. Financiados por deputados da política do Café com Leite, as reuniões dos artistas modernistas foram sediadas na casa de Paulo Prado ou do senador José de Freitas Vale. Artistas pintores, poetas, escritores e escultores, advindos de

temporadas no exterior (em Paris e em Berlim), expõem suas obras nessas casas e posteriormente em salões alugados em São Paulo. Entre eles despontavam o grupo dos 5, composto pelas pintoras Tarsila do Amaral e Anita Malfati, os escritores Menoti Del Pichia, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Este último além do mentor intelectual, junto com os Oswald de Andrade, era propulsor das ideias dentro do seio modernista de cunho mais nacionalista, publicando posteriormente o Movimento Pau Brasil (1924), e o Movimento Antropofágico (1928). Esse último teve como características mais marcantes a exaltação da busca da identidade nacional desencadeando assim a segunda fase do modernismo brasileiro, que muito se assemelhou de acordo com Mascaro (2004) á filosofia de busca identitária nacional e de exaltação aos grupos étnicos não europeus dentro do movimento regionalista, que teve como obra símbolo a Publicação de Macunaíma em 1928, do então líder Mário de Andrade (Cardoso, 2015).

As afinidades e as conexões entre ambos os movimentos não se estenderam apenas entre objetos de reflexão, mas comuns, se fizeram principalmente, como um ciclo de intelectuais e suas afinidades onde se deu troca de conhecimentos e debates, sendo de grande importância para a circulação cultural de ideias dentro do país. Participante da Semana de Arte moderna de 1922, Manuel Bandeira, poeta, faz correspondências com o Centro Regionalista, sendo um dos responsáveis pela comunicação e propagação das ideias de ambos os grupos. Como Manuel Bandeira, Câmera Cascudo também se correspondia com os dois grupos e tinha ligações tanto com Freyre quanto com Mário de Andrade. As correspondências epistolares da época de Andrade para Cascudo, deixam claro, através do trabalho de

Melo (1991), o espanto positivo, no dia 5 de setembro de 1926 a respeito do Congresso Regionalista, destaca:

> Meu Luiz do Coração, o tal Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo. Em Tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante a ideia de nação sobre esse ponto a esse Brasil já tão separado (…). Si minha adesão vale alguma coisa, vai aí minha sincera e enorme saudade, para esse Nordeste que amo, que sou. Mario de Andrade" (Melo, 1991).

O mesmo Mário de Andrade, apreciador do Nordeste, resolveu para suas pesquisas folclóricas iniciar uma viagem para o interior do Nordeste entre 1927-1928, com apoio dos irmãos pintores Vicente Monteiro e Cicero Dias. Por esta viagem esteve no Recife, em Boa Viagem em 1927 (Figura 6), e posteriormente no engenho de Freyre em 1927 com amigos e contemporâneos (Figura 7) de Freyre e de Câmera Cascudo nos litorais potiguares (Figura 8).

Figura 6: Primeira vinda de Mário ao Recife: Boa Viagem em 1927



Fonte: Acervo pessoal Mário de Andrade. IEB. São Paulo: 2019.

Figura 7: Mário de Andrade no Engenho Dois Irmãos Vicente Monteiro (Mata Sul de Pernambuco) com Cicero Dias em 1927



Fonte: Acervo pessoal Mário de Andrade. IEB. São Paulo: 2019.

Figura 8: Freyre em 1927 com amigos e contemporâneos



Fonte: Acervo pessoal Mário de Andrade. IEB. São Paulo: 2019.

Após esse período, Mário já ligado à Pinacoteca e Ministério da Cultura nos anos 30, decide elaborar catálogos cinematográficos e fotográficos, sendo um dos primeiros intelectuais brasileiros a tratar do

campo da etnomusicologia, e difundir o folclore nordestino. Observam-se danças em músicas em documentos fonográficos e imagéticos, sendo sua contribuição importante para a cultural nacional e a preservação imaterial dos patrimônios nordestinos (Amaral, Haittings, 1995).

A relação entre Freyre e Manoel Bandeira podem também ser exemplificados. Durante a correspondências de Freyre e Bandeira no Livro Cartas Provincianas de Dias (2017), fica nítida a relação de conexão entre eles, com cartas frequentes, entre 1927-1935.

Outro Modernista em que ambos, Freyre e Bandeira tinham relação era Carlos Drummond de Andrade, escritor que já mantinha contos em jornais locais de Belo Horizonte que impressionaram Freyre, devido ao estilo moderno de escrever o cotidiano com o apego às coisas locais típicas de regionalistas, dedicando no mesmo período o artigo "A propósito do Regionalismo no Brasil (1926)", escrito no *Diario de Pernambuco* da época, fruto das repercussões dos jornais locais e nacionais acerca da semana de 1926, como visto por exemplo pelo fragmento da crítica feita por Dr. Amaury Medeiros para o jornal da Rua Nova (1924-1954) (Figura 9) originalmente publicado para o *Jornal do Commercio* (RJ) (1825-2016), denotando mais uma vez a importância da documentação escrita dos jornais ao período, especialmente para o início do século XX em Pernambuco (Barros,1972).

Figura 9: Relato da Semana Regionalista no Recife – Jornal da Rua Nova (1926)



RUA NOVA

Congresso regionalista

Falando ao "Jornal", do Rio, o dr. Amaury de Medeiros diz dos verdadeiros fins do Congresso Regionalista do Nordeste

"... foi uma semana de poesia e cordialidade a serviço da unidade nacional".

Damos a seguir a brilhante entrevista concedida ao "O Jornal", do Rio, pelo espirito de elite, que é o sr. dr. Amaury de Medeiros e publicada ao serviço telegraphico do "Diario do Estado", desta capital:

"Encontra-se no Rio de Janeiro, ha dias, vindo em missão do governo de Pernambuco, o dr. Amaury de Medeiros, director da Saúde Publica daquelle Estado e um dos organizadores do Congresso Regionalista do Nordeste, no mez findo reunido em Recife.

Este certamen interessou — e por que não dizel-o — intrigou bastante os espiritos aqui, pois houve até quem exagergasse selva de separatismo nelle.

O dr. Amaury de Medeiros, procurado pelo "O Jornal" teve a gentileza de nos fazer as interessantes declarações abaixo, pelas quaes se verificam os altos objectivos do Congresso.

Professor e jornalista, o director da Saúde Publica pernambucana abordou os fins do Congresso Regionalista do Nordeste, com uma fina intuição de seus propositos.

O regionalismo — diz o dr. Amaury de Medeiros — é menos uma questão geographica do que um sentimento das cousas nacionaes com os seus caracteristicos locaes.

Chama-se geralmente Nordeste a reunião dos quatro Estados que em torno de Pernambuco se agrupam e onde a natureza é tão igual, tão iguaes os homens e os costumes que não se conhecem quasi as fronteiras.

O sertanejo que vem do littoral traz as mesmas lendas, fala do mesmo modo.

Venha do Ceará, Parahyba, Pernambuco ou de Alagôas e ao voltar do Recife para sua villa, elle diz, simplesmente, "volto para o sertão."

Eu sei que aqui e lá houve quem interpretasse mal do Congresso. Falou-se em colligação para defesa dos interesses regionaes; falou-se, incrivelmente, em separatismo, quando o nosso objectivo foi inteiramente contrario. Nós cuidamos da cohesão nacional. Se não fosse assim, eu, evidentemente, não teria dado no Congresso a minha collaboração, ligado como estou ao governo de Pernambuco, cujos pontos de vista a este respeito têm sido nitidos.

Querer um regionalismo interesseiro, bairrista, seria estreitar muito os nossos propositos e comprometter a sympathia da causa. O que nós procuramos fazer com o nosso Centro Regionalista e com os nossos congressos é fixar e bem cultivar as coisas nitidamente brasileiras ou se tornarem brasileiras na sua adaptação de tal sorte que o Brasil possa conservar uma physionomia, um caracter que se funde na tradição, como nós estamos vivendo no Nordeste.

Queremos fixar caracteristicas nordestinas para que o tempo e o cosmopolismo não dissolvam as nossas ultimas reservas de coisas e costumes nacionaes.

O nosso Congresso nada tem com os interesses estreitos da zona, não se occupou de politica, nem procurou reivindicar qualquer regalia do Nordeste.

Fez no Nordeste o que se deve fazer no extremo Norte, no Sul e no centro: procurou reviver e exaltar os habitos e caracteristicos da região, suas lendas, sua poesia, sua architectura, que sobrevivendo ás gerações que passam serão ligações entre as que passaram e as que sobrevivem, serão laços da patria.

O sentimento da patria não será outra coisa senão estes sentimentos regionaes sommados e quem acompanhou a marcha dos trabalhos do Congresso, terá, por certo, visto logo a injustiça da accusação separatista.

Batalhando pela conservação dos nossos monumentos historicos; nossos costumes; nossa arte colonial, incentivada e polida; nosso "folk-lore", nós aspiramos dar ao Brasil o caracter que será, talvez, o maior passo para a unidade nacional.

Mostrando os encantos ingenuos do estylo colonial, nossa architectura urbana e rural, exaltando as receitas culinarias das quaes tanto garbo se fez no Nordeste; revivendo os brinquedos infantis, realçando a poesia das lendas sertanejas, passamos os seis dias do Congresso, em cujas sessões tranquillas e simples jámais se tentou fazer emulação separatista e em cujos debates cordiaes os estreitos interesses locaes nunca tiveram interpretes.

Como vê, meu amigo, o Congresso Regionalista do Nordeste, convocado pelo Centro Regionalista, foi tudo quanto ha de mais idealista.

O Centro é uma associação sem regimentos ou regulamentos. E' apenas um agrupamento de intellectuaes sob a presidencia de um poeta que vive inteiramente alheiado aos interesses contrarios da politica.

No meio da agitação interesseira dos dias que passam o Congresso foi uma semana de poesia e de cordialidade a serviço da unidade nacional.

E foi, assim, encerrando o Congresso, em um jantar regionalista ao ar livre que eu pude dizer: "saiamos, portanto, tranquillos destas sessões. Tenhamos a certeza de que estamos trabalhando, efficazmente, pelo Brasil, porque, eu estou certo, se os reaes interesses do país tivessem uma voz insuspeita e ella tivesse de decidir entre os patriotas que vociferam pelas ruas, insultando os estrangeiros que nos são uteis e os que vivem silenciosamente, modestamente, colhendo documentos historicos e conservando as obras d'arte, colleccionando receitas de bollo, aproveitando velhos naulegios, defendendo velhos portões e velhas arvores, reunindo, carinhosamente, o "folk-lore", seria para os ultimos as suas mais doces palavras, suas mais expressivas preferencias.

Srs. congressistas: estes ultimos parece que somos nós."

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929).

Apesar dos diálogos e similaridades existentes entre os movimentos modernos do período, as divergências pertinentes endossavam a pluralidade de ideia nascentes do período. Como um braço da corrente moderna paulista do primeiro período de 1922, o grupo modernista do Recife, liderado pelo jovem bacharel em direito Joaquim Inojosa, repudiava a correlação que os

regionalistas faziam ao passado do Nordeste próspero como forma de exaltação das singularidades locais e ao fortalecimento da identidade nacional. Para este grupo, os regionalistas traziam um certo saudosismo acentuado e uma negação ao primeiro momento das tecnologias e dos avanços científicos tão necessários ao desenvolvimento de nações modernas e de cidades modernas, sendo até de certo modo prejudiciais ao próprio desenvolvimento local (Inojosa, 1968, V1).

A maior contribuição do grupo em questão, de acordo com Oliveira (2012) era ser a grande ponte de divulgação entre as ideias modernistas dentro da cidade do Recife e seus estados circunvizinhos de influência (Paraíba e Rio Grande do Norte) reforçando a filosofia paulista moderna nos seus escritos tantos de *A Província* (1920-1933) quanto no *Jornal do Commercio* (PE) (1887), especialmente na revista paraibana *Era Nova* (1921-1926), responsável pela publicação da Carta Manifesto: A arte Moderna que pedia apoio aos intelectuais locais eminentes como José Américo de Almeida, a que aderissem ao modernismo nordestino, como confirma (Azevedo,1996). Em correspondência de resposta de Inojosa, José Américo, no trabalho sobre o que ressalta a pertinência de aderir ao modernismo frente ao período vivente:

> Recebi A Arte Moderna, que é mais uma expressão de seu talento e de sua cultura. (...) Não sou infenso ao espírito novo. Compreendo a necessidade de subordinar a arte às outras formas devidas que as conquistas do progresso vão impondo. Penso, porém, que para ampliar essa tendência não é preciso destruir o patrimônio da inteligência cosmopolita. É arriscado conjurar, de uma vez, as fórmulas consagradas. Daí as demasias das reações que resultam ridículas. (...) (JAA, 8-VIII-24 apud, Inojosa, 1984, p.42).

Além dos feitos dos destaques por Joaquim Inojosa divulgador e escritor, como José Américo de Almeida, em especial a obra deste destaque pertencente e com influência nítida dos modernismo locais, *A Bagaceira* (1928), o grupo ainda conta com os destaques de admiradores como escritor Guilherme de Almeida em São Paulo , bem como poetas locais Ascenso Ferreira ,em especial no seu livro posterior à Semana regionalista, *Catimbó (1927)*, considerado um dos primeiros poemas com estética modernista, apesar das temáticas locais e regionais, e Benedito Monteiro, este último especialista em poemas com estética e temática modernas que tratavam sobre os automóveis, luzes e especialmente na vida financeira das cidades modernas do Brasil do século 1920, como o Recife, fazendo uma ponte brasileira com o futurismo de *Marinete* na Itália da década passada. *O Poema Bolsa* (1925-1926) é o melhor exemplo dos poemas modernos de Benedito Monteiro, como visto abaixo:

O Poema da Bolsa

A Bolsa de mercadorias. As oscilações do mercado.
A curva logarítmica da queda da arroba do açúcar.
Os magnatas sentados pelas mesas esperando o pregão dos corretores.
Os especuladores baixistas esperando vender a prazo para recomprar com lucro.
Os especuladores artistas esperando comprar a três meses para revender depois.
Os negócios firmes altamente perigosos.
Os corretores, correntes elétricas entre as diferenças de potencial da oferta e da procura.
Ah! A aristocracia dos senhores de engenho, açúcar de 2 cruzados.
A democracia dos fornecedores de cana e donos de banguês, açúcar 11$600
10 - 11 horas.
O pregão.

> – Vendo 4000 sacos de cristal a 12$900 para a entrega em dezembro.
> – Compro a 12$000 réis.
> E a batalha incruenta está travada com derramamento do sangue loiro das esterlinas!

Dos ditos modernistas do período, em especial Joaquim Inojosa em âmbito local, o que continuava com as visões de Freyre como 'tradicionalista' e 'arcaico' era Oswald de Andrade no âmbito nacional. Refutando esse argumento Nery (1996) diz que mais do que modernismo, o regionalismo trazia a seu bojo reais preocupações sociais modernas, e que Freyre possuía uma escrita histórica moderna pelo seu pluralismo metodológico endossado pelos franceses Paoulion (1953) e Braudel (2011). Adiciona assim a fala do geógrafo Tadeu Rocha (1964), seguinte visão, ao falar do movimento:

> O primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, numa interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos. E também criou uma nova mentalidade anti -academicista no meio dos jovens intelectuais do Nordeste, que puderam cristalizar as suas ideias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana (Rocha, 1964).

Independente do posicionamento de preferências, o que se percebe é que ambos os movimentos tinham ciclos de afinidades comuns, bebiam das influências europeias de algum modo e buscavam a unidade do Brasil e sua identidade, de maneiras diferentes.

Em complemento a este aspecto Oliveira (2018) junto Adimas (2004) afirma que o esforço de Inojosa, junto à divulgação do movimento modernista paulista em condenação às práticas de Freyre, contidas em sua obra principal sobre o tema *O Movimento Modernista em Pernambuco*

(1968) volumes 1, 2 e 3, não só exaltam a contribuição de Freyre como líder de movimento como sua grande contribuição intelectual e cultural a seu espaço, sendo inquestionável o fortalecimento de ambos á identidade cultural do Brasil da época e o atual.

4. A Região Segundo o Movimento Regionalista de 1926

O Nordeste como região foi pouco estudado por escritos nacionais até o fim do século XIX, mas passa a ter mais destaque ao longo do século XX. Isso se deve principalmente pela necessidade de firmar a identidade nacional do país no período republicano o que repercutiu na construção da ideia de Nordeste, de forma específica e única em relação às outras regiões. No nível político, as oligarquias estaduais dominantes na República Velha davam o apoio retórico dessa construção singular e autônoma, a partir dos locais e regiões. Esse movimento partiu também dos conhecimentos científicos sobre as características de cada lócus do país, prevalecendo os estudos das características paisagísticas, econômicas e populacionais feitas por uma metodologia descritiva. Essa forma de estudar e caracterizar áreas pela paisagem se assemelhava bastante com os primeiros escritos sobre as *Pays* francesas do século XVIII e XIX, que foram rapidamente assimiladas aos estudos das regiões brasileiras, especialmente nos primeiros ensaios e pesquisas sobre a região nordeste (Moreira, 1998).

Um dos primeiros autores que explica o Nordeste como região em forma de paisagem antropogeográfica é o jornalista carioca Euclides da Cunha. Euclides era um jornalista representante do governo de Hermes da Fonseca, que foi enviado no final do século XIX para cobrir, enquanto correspondente da capital (Rio de Janeiro à época), os acontecimentos da

revolta em vilarejo baiano de Canudos. Neste local, um 'messiânico' chamado Antônio Conselheiro tinha instaurado uma comunidade sertaneja quase anarquista à margem das leis da nova república brasileira, com o governo indo até o local para combater a situação. Desse período, Euclides da Cunha faz dos seus relatos um dos primeiros escritos nacionais geográficos do Nordeste, não só sendo um conteúdo geográfico mais, como coloca Ribeiro (2011), contendo já uma ideologia geográfica clara, e que foi transformado no livro Os Sertões em 1902.

Os Sertões (1902) carrega em seus três capítulos (*A Terra, O Homem, A Luta)* características comuns aos escritos monográficos regionais franceses. No capítulo *A Terra* a descrição da paisagem em termos fitográficos, geomorfológicos e climáticos, conjugados ao comportamento dos locais, são mostrados como fundamento para o entendimento de um lugar. No capítulo *O Homem* caracteriza o homem dos lugares pela sua relação com seu meio, como exemplificado na frase: "*o sertanejo é antes de tudo um forte* (Cunha,1982, p.5). Nesta situação, ele associa a força do sertanejo com a vegetação local, considerando o indivíduo quase como um elemento da natureza árida visto como adaptado a seu modo de vida. Por fim, no capítulo *A Luta,* a relação homem e natureza dentro do locus regional é tido como o grande diferencial desse homem sertanejo frente ao Estado Brasileiro. O Estado. apesar do poder político e militar, não conhece como os sertanejos o ambiente em que estão guerreando, tornando-os inferiores na luta contra os locais. Nesta descrição mostra que o estudo do sítio da situação geográfica e da função da paisagem eram importantes para ser analisado. O autor antecipa neste livro um tipo de análise geográfica que

só seria retomada em meados da década de 30 e 40 pelos geógrafos das cátedras brasileiras (Antonio Filho, 1990).

A grande contribuição de Euclides da Cunha, além do seu pioneirismo nos escritos sobre o Nordeste, enquanto traços de uma unidade regional, era ajudar a consolidar uma concepção ideológica-geográfica de uma época, bem como de um fazer regional geográfico de origens europeias. Isso fez com que o Nordeste fosse primeiramente reconhecido como um lócus com paisagem natural árida e com constituição econômica e populacional determinadas por esse meio, com a característica da paisagem física sendo sempre destacada ao se pensar nesta região em específico.

Esse imaginário regional ficou tão arraigado que o que foi desenvolvido por outros autores não nordestinos nos anos subsequentes tinham, necessariamente, que estar correlacionados com o imaginário da seca, do sertanejo, da fome. Essa leitura foi criticada, em termos de investigação científica, somente na década de 30 com as ideias do francês Pierre Monbeig advindas de saídas a campo e estudo detalhado (Antonio Filho, 1990).

Pierre Monbeig, como consolidador das práticas de ensino franceses dentro do Brasil, é considerado um dos precursores no desenvolvimento de ensaios e atividades de campo pelo Nordeste. Monbeig explorou em um dos seus primeiros ensaios, intitulado *O ciclo do Cacau na Bahia,* as regionalidades produtivas bem como seus modos de vida, e tipos de comportamentos empregados no ato laboral. Em 1944 Monbeig fez uma grande excursão que foi da Bahia ao Ceará, do interior em direção ao litoral, observando aspectos das economias regionais locais, paisagens geomorfológicas e culturais (anexo B 1 e 2). A abordagem aplicada detinha

aspectos comuns às monografias francesas do século XIX que faziam uma descrição dos gêneros de vida dos lugares pesquisados, pautada nos registros em cadernos de campo (Ribeiro, 2011).

Assim, nos primeiros momentos de descrição do Nordeste o sentido utilizado está intimamente relacionado com o conceito de *Região* francesa inicialmente relacionado a Pays -natural e depois a Região como gênero de vida. Foi firmado pelos intelectuais das ciências sociais que contribuíram para leitura geográfica nacional da época, sejam como Euclides da Cunha (1886-1909), seja os geógrafos radicados no Brasil como Monbeig em suas idas a campo. O que ambos têm em comum é a perpetuação do imaginário do Nordeste ainda como lócus ligado a características físicas e econômicas com foco no sertão. Isso ocorreu até mesmo em passagens das descrições de Monbeig tendo, já em 40, analisado de maneira mais ampla as outras áreas úmidas e semiúmidas da região e seus modos de vida. Entretanto, o entendimento cultural próprio do Nordeste com sua complexidade local, como parte da característica de uma região já tinha aparecido com os historiadores e estudiosos de geografia locais. Isso ocorreu especialmente com os intelectuais que antecederam esse movimento da Universidade no Sudeste, como a visão de região em Freyre presente já no ano de 1926 na Semana Regionalista em Recife e em sua obra Nordeste (1925). Sob suas influências um ideário vai se consolidar e possivelmente influenciar as práticas dos primeiros geógrafos formados em Pernambuco.

O conceito de Região Nordeste, se tornou mais delineado nas obras posteriores de Freyre nas décadas de 1930 e 1940, hiatos após as publicações das trilogias vinculadas à Casa Grande Senzala, sendo a parte mais geográfica dos seus escritos. Dessas obras, a visão ecológica de Freyre

é trazida também em continuidade no seu livro *Tradição e Região* (1941), no qual a visão de região se mistura nitidamente com a categoria de paisagem no sentido socioambiental.

Nesta obra trata a importância do meu físico pernambucano açucareiro para o desenvolvimento cultural e social desse povo, como meio de exaltar e renovar a potencialidade regional daqueles locais. Essa visão de região humana, ou paisagem regional, tem influências do geógrafo americano Carl Saur (1889-1975), que contemporâneo acadêmico de Freyre, teve influência quase que direta nos seus escritos desse período, principalmente após a obra *Morphology of Landscape (1925)* que segundo Rogers (2012) trouxe a Freyre sugestões para seu método:

> Freyre percebeu no método de Sauer um tratamento balanceado de forças ambientais e culturais, a influência de clima e os efeitos de usos da terra de longo prazo. Ele pensava em Sauer como um estudioso que entendeu a importância da "harmonia da paisagem" (Rogers, 2012).

Essa "harmonia da paisagem" aparece em seu fazer regional ao tratar, já em Nordeste (1989), essa visão de paisagem dentro de sua visão de Região, no caso, da Região Nordeste, escrevendo assim:

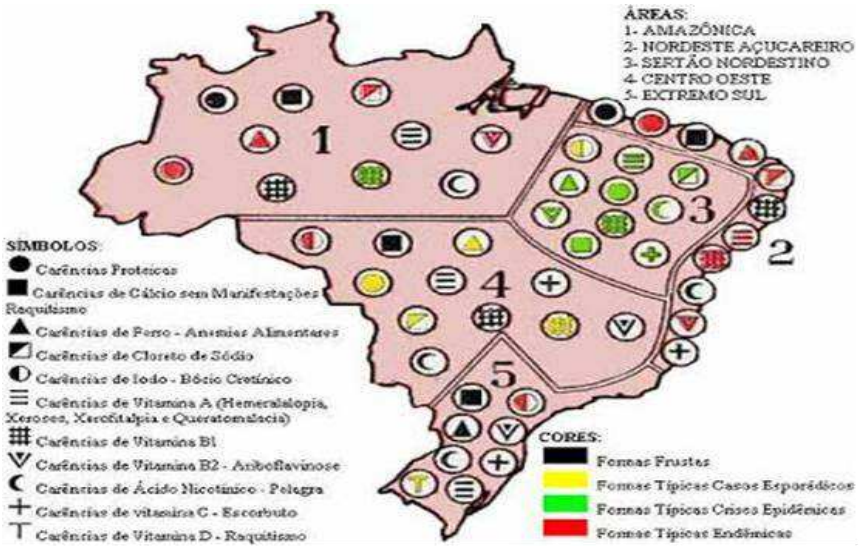
> A natureza regional tende (…) a fazer o homem, o grupo, a cultura humana à sua imagem, ele observa, mas, por sua vez, o homem, o grupo, a cultura humana agem sobre a natureza regional, alterando-a de modo às vezes profundo (Freyre, 1989) e Região e Tradição (1941).

Freyre também cita outro geógrafo, Camille Valleux (com forte influência de Vidal de La Blache), tratando a respeito das potencialidades intrínsecas a cada solo e como elas deviam ser aproveitadas para o desenvolvimento socioeconômico da região, afirmando nessas obras a

necessidade de se trabalhar com zonas ou sub-regiões específicas dentro do Nordeste.

Essa leitura já adiantava necessidade de pesquisas sobre as regiões econômicas e climáticas que vemos hoje e que já apareciam em trabalho como de Mario Lacerda em 1940, este último amigo pessoal e compadre de Freyre como elucida Cristina Freyre, Fátima Quintas (apêndices A e B), e na obra do pernambucano Josué de Castro (Castro, 2001), em sua Geografia da Fome em 1949 (Figura 10), onde o plano alimentar e de combate à fome é dividido em grandes zonas dentro do Brasil. A ideia de trabalhar com regiões e suas regionalizações tinha sido assimilada ao longo dos tempos pelos planejadores, engenheiros e geógrafos de todo Brasil, em especial no Nordeste até o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970.

Figura 10: Regionalização das áreas da fome em Castro (1946)



Fonte: Figura retirada do Livro Geografia da Fome (Castro, 2001, p. 22)

Além da influência nas ideias de regionalização do imaginário construído por Freyre, a partir do Movimento de Regionalista foi bastante intensa. Esses se espelharam principalmente nas artes em geral. Na literatura nordestina destaca-se o Romance de 30, com Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, este último partícipe do movimento e da vida pessoal de Freyre, sendo um dos seus melhores amigos como elucida sua filha Sonia Freyre na entrevista semiestruturada realizada (Apêndice C). Somado a isto na música também se destaca a influência em Luiz Gonzaga e seus parceiros em 40, nas artes plásticas com Lula Cardoso Ayres e Cícero Dias e ainda no teatro, com Ariano Suassuna e a busca de um Brasil profundo, mais tradicional em 50 (D'Andrea, 1992).

Ainda em termos culturais, o regionalismo se expressou de outras formas. Fez-se presente nas permanências contemporâneas no final do século XX e início do XXI exemplificado musicalmente no particularismo do grupo Quinteto Armorial. Advindo do movimento armorial em 1970, o grupo ficou marcado pelo uso de conceitos do regionalismo que remonta aos tempos das peças teatrais, e ainda contra aculturação norte-americana no Brasil. O grupo toca o som dos aboios do sertão antigo com rabecas e pífanos mesclados com flautas e violas eruditas. Outras marcas regionalistas se deram com a pintura de Cícero Dias em pleno marco zero, com suas cores da Zona da Mata, bem como na construção da praça Euclides da Cunha no bairro da Madalena, projetada pelo paisagista Burle Marx, a qual busca reproduzir o ambiente sertanejo dentro da cidade litorânea do Recife (Figura 11). Essa estética da praça dialoga com a defesa do paisagismo de preservação das vegetações locais discutido no movimento de 1926, marcando o regional bucólico na paisagem da cidade.

Figura 11: Retrato da Praça Euclides da Cunha[5]



Fonte: Prefeitura do Recife.

O regionalismo sobre a identidade nordestina se consolidou no imaginário também, a partir dos escritores e cineastas. No regime do Estado Novo de Getúlio Vargas entre 1937 e 1942, as ideias socialistas no campo político e teórico se fizeram presentes na literatura e cinema. Ainda no Estado Novo, destacou-se a questão da luta de classes no escritor Jorge Amado, em sua obra *Capitães da Areia (1937)*. No período a crítica ao Estado ditatorial e as mazelas vividas por presos políticos ressurgiram na obra póstuma *Memórias do Cárcere* (1953), do escritor alagoano Graciano Ramos. São quadros de contestação que também envolveu a representação de um Nordeste multicultural, das feiras e comidas, mas agora voltado a um Nordeste em busca de justiça social e com ânsia por mudança – utilizando-se dos messiânicos, jagunços e cangaceiros como heróis de um tempo de

[5] Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=pra%C3%A7a+euclides+da+cunha+foto&rlz. Acesso em: 4 julho 2018.

conscientização da necessidade de mudanças de um quadro social, antes não tratado no regionalismo de 1926 (Sodré, 1962).

No cinema, cineastas inventam uma nova forma de fazer cinema tomando as especificidades do Nordeste como ponto de partida para reivindicações próprias. Este foi o caso do Cinema Novo, onde a imagem do Nordeste, de permanências e tradições, passa a ser o fundamento para um Nordeste de luta, revolução e renovação. Entre as influências do socialismo cubano e num contexto político conturbado no Brasil, nasce a era nordestina do cinema no Brasil, tendo o auge as leituras cinematográficas do baiano Glauber Rocha. A figura do cangaceiro, antes considerado um inimigo à ordem, passa a ser um personagem de resistência da condição social e da violência contra o opressor, O filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* é um bom exemplo. Ambientado no Nordeste invoca a figura do cangaceiro como representante da coragem frente ao sertão do servilismo, das rezas e do silêncio.

Na história, a curva do personagem principal Manuel, o faz passar de um simples sertanejo a um cangaceiro e justiceiro, tendo como cenário o Nordeste das paisagens das palmeiras, do mar, com os musicais mostrando uma outra perspectiva para o Nordeste agora vinculada ao desejo de mudança social. O destaque do filme no festival de Cannes foi emblemático e marcou a representatividade do gênero. Glauber Rocha chegou a repetir, em meio a entrevistas sobre a função do seu filme e a mudança que ele queria provocar na região, incluindo frases fortes como: ‘apenas a violência ajudará aqueles que são extremamente oprimidos’. O filme sofre depois censura devido ao teor de incitação à violência e “subversão” na época da ditadura militar (Figura 12) (Wills,1982). Mas essa influência na reflexão sobre o Nordeste do Cinema Novo, deixou marcas até hoje na

cinematografia pernambucana – por exemplo, de Cláudio Assis, de Hilton Lacerda, dos contemporâneos anos 2000, com gosto de bairrismo moderno.

Figura 12: Cartaz de Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964)[6]



Fonte: Wikipedia, 2018.

5. Conclusão

Sendo destaque econômico e cultural do Brasil ao longo de todo período colonial, Pernambuco também sentiu as mudanças políticas e sociais do período analisado, e tentou assim recuperar seu prestígio nacional e de sua região a partir do investimento cultural e artístico do lugar. Dessa maneira, as ideias de Região em Freyre, iniciadas a partir do centro regionalista 1923, advindas de influência intelectuais europeia e americanas

[6] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_e_o_Diabo_na_Terra_do_Sol#/media/File:Deus_Diabo_Terra_Sol.jpg. Acesso em 4 julho 2018.

de 1920, tendo seu auge ao longo da Semana Regionalista de 1926, e que continuaria a influenciar todo o desenvolvimento cultural, intelectual e científico ao longo do século XX, com as ideias de filosofia regionalista tradicional, baseando-se na ideia de região síntese natural e econômica. Com passar do tempo, e produto da transição do Brasil rural para urbano de 1950-1960, o regionalismo tradicionalista em Freyre torna-se um regionalismo transdisciplinar e humanismo, onde a região como categoria de análise passa a ser a região cultural e humana.

Dessa forma, o período áureo da abordagem regional, no país, auxiliou sobremaneira o entendimento mais profundo de seu povo a sua própria história, principalmente na investigação do geográfico, possibilitando também o conhecimento do nordestino e do pernambucano sobre seu próprio espaço, sendo isto possível a partir do entendimento de sua própria produção.

Por fim, misturam-se assim, no Nordeste, revolução, permanência e continuidade em uma sobreposição referenciada no regional, na qual esses lócus, mesmo que muito recente histórico e geograficamente, torna-se espaço típico de um povo.

Referências

BERDOLAY,Vicent**.** ***A escola francesa de Geografia. Uma abor-dagem contextual. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho.*** São Paulo: Editora Perspectiva, 2017

DIMAS, Antonio. Um manifesto guloso. ***Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural.*** Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 7-24.

DEMPSEY, Amy. Estilos, escolas e movimentos: ***Guia enciclopédico da arte moderna.*** Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

FERREIRA, Delgado et al. ***O tempo do nacional-estatismo-do início da década de 30 ao apogeu do estado novo.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREYRE. Gilberto. ***Nordeste- Aspectos da Influência sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil.*** 7 ed. rev- São Paulo :Global, 2004.

FREYRE. Gilberto. A Respeito dos Cajus. ***Revista o Cruzeiro***. V. 5, n.11, 1949.

FREYRE. Gilberto. ***G. Casa-grande & senzala.*** Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREYRE. Gilberto. ***Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife.*** 5ed. São Paulo: Global. 2007.

FREYRE. Gilberto. ***Interpretação do Brasil.*** Tradução de Olívio Montenegro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1947.

FREYRE. Gilberto. ***Manifesto Regionalista.*** Recife: FUNDAJ, Ed.. Massangana, 1996.

FREYRE. Gilberto. ***Novo mundo nos trópicos.*** Rio de Janeiro: Topbooks. 2000.

_FREYRE. Gilberto. F. de M. ***O movimento Regionalista e Tradicionalista e a Seu Modo Também Modernista*** - Algumas Considerações. Ci. & Tróp., Recife, v. 5, n. 2, p. 175-188, 1977.

FREYRE. Gilberto. ***Ordem e Progresso***.6 ed.revista ,São Paulo, Global, 2004.

FREYRE. Gilberto. Gilberto. ***Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais de adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926).*** 2 ed- São Paulo: Global, 2016.

FREYRE. Gilberto. Gilberto. ***Tempo Morto e outros tempos: trechos do diário de adolescência da primeira mocidade (1915-1930) .*** São Paulo: Global, 2006.

FONSECA, Edson Nery. Gilberto Freyre, A Província do Phdeísmo Carioca. ***C& Trop.*** Recife, v.20, n.2, p.309-316, jul.-dez., 1992.

GABAGLIA, Fernando A. ***Raja. Practicas de Geographia.*** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GIDDENS, Anthony. ***As consequências da modernidade.*** São Paulo: Ed. UNESP. 1991.

GOMES. Ângela de Castro. ***Em Família – a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre.*** *Mercado das Letras* . Campinas-SP. 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **N*ação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.*** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p. 5-27, 1988.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. ***Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929).*** Jornais de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Acessado em 2020.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. ***Acervo Fundação Biblioteca Digital (1930-1939)***. Jornais de Pernambuco. Acessado em 2020.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. ***Acervo Fundação Biblioteca Digital (1940-1949).*** Jornais de Pernambuco. Acessado em 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIRO (IEB). ***Acervo Mário de Andrade.*** Acessado em Dezembro 2019.

INOJOSA, Joaquim. ***O Movimento Modernista em Pernambuco.*** Rio de Janeiro: Tupy, 1968, 1v.

INOJOSA, Joaquim ***José* Américo *de Almeida – Algumas Cartas.*** Rio de Janeiro. Gráf. Olímpica Editora, 1980, p. 50.

INOJOSA, Joaquim ***A Arte Moderna***. Edição Fac-Similar. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra, 1984, p. 104.

LEAL, Wills. ***O Nordeste no cinema.*** João Pessoa: Editora Universitária/FUNAPE/UFPb,1982.

SANTOS, Robson. Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista ***Sociedade e Cultura***, vol. 14, núm. 2, julio-diciembre, 2011, p. 399-408 .Universidade Federal de Goiás Goiania, Brasil.

SODRÉ, Nelson Werneck. Quem é o povo no Brasil? ***In***: Coleção Cadernos do povo brasileiro, n.02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1962.